

Dos Mitos, Ritos e Lendas da Amazônia: A comunicação folk dos povos da floresta¹

Fábio Gonçalves MODESTO²

Maria Cristina GOBBI³

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes,
Comunicação e Design, Bauru

RESUMO

Este trabalho apresenta a Folkcomunicação no modo de vida dos sujeitos que fazem do meio amazônico o seu lugar de viver, do homem com a natureza. Devido a isso, para uma convivência harmoniosa e regrada, há histórias que servem como leis para essa vivência – os mitos, os ritos, os contos e as lendas a partir da prática da oralidade. Por meio de leituras e análises bibliográficas, o texto apresenta a folk como um elemento agregador da cultura e dos processos comunicativos dos povos da floresta.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Povos da Floresta; Amazônia; Lendas; Ritos.

Introdução

A Folkcomunicação é uma teoria genuinamente brasileira criada por Luiz Beltrão e desenvolvida em sua tese de doutorado intitulada “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressões de ideias”, na década de 1960. Para ele, dentro das manifestações culturais populares, há o meio, os agentes e os processos comunicacionais que apenas aquela comunidade entende, existindo um diálogo próprio entre estes sujeitos.

Apesar de esta teoria surgir em 1960, ela só se projetou no meio acadêmico na década passada, a partir de estudos e de pesquisas frente ao que Luiz Beltrão apresenta. Para o mestre Beltrão a Folkcomunicação é um “[...] conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais”. Esse conjunto de procedimentos, que se refere Beltrão, pode ser entendido como as múltiplas formas que essas audiências utilizam para realizar o

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 07 – Expressões da Folkcomunicação Mídia e Cultura Popular, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista – UNESP Campus Bauru / Bolsista do CNPq - Brasil (nº 131643/2023-1). E-mail: fabio.g.modesto16@gmail.com.

³ Pesquisadora Livre-Docente pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bolsista de Produtividade do CNPq. Bolsista FAPESP (Processo 2022/08397-6). Professora Associada da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – Câmpus de Bauru, nos cursos de Graduação em Comunicação e no Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia. E-mail: cristina.gobbi@unesp.br.

processo de comunicação, que muitas vezes não estão ligadas aos meios de massa, mas a cultura popular e suas múltiplas formas de manifestações. Sim, a folkcomunicação é um processo de intercâmbio de mensagens, mas não é o estudo da cultura popular ou do folclore (GOBBI, 2015, p. 24). Igualmente, como definiu Hohlfeldt (2011⁴),

[...] é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (s./p.).

E esse complexo teórico traz novos estímulos para os estudos comunicativos, ensejando uma série de trabalhos acadêmicos no campo da Comunicação.

Do mesmo modo, foi no ano de 2004 que formalmente foi constituída a Organização não governamental Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação. Surgiu durante o VI Encontro Brasileiro de Folkcomunicação, no ano de 2003. Outro exemplo são as Conferências Brasileiras, encontros realizados inicialmente pela Cátedra Unesco de Comunicação e posteriormente incorporados a Rede Folkcom, que ocorrem em diversas regiões do Brasil. Essas atividades, que caminhando entre os conceitos de cultura popular e erudita, têm permitindo entender e ampliar as opiniões dos processos da cultura brasileira, tendo como cerne os estudos do professor Luiz Beltrão, investigando (GOBBI, 2015, p. 25) variados temas que envolvem a cultura, manifestações populares e comunicação artesanal, possibilitando (re)conhecer os processos comunicativos resultantes.

Em se tratando desta comunicação artesanal, este trabalho se desenvolve a partir do entendimento de que os povos da floresta criaram histórias – os seus próprios mitos, ritos, contos e lendas - uma comunicação entre si para “viverem em harmonia” em seu *habitat*. Nesta pesquisa, o termo “povos da floresta” é aplicado às populações que se fazem presente na Amazônia, como os povos indígenas, os quilombolas, os caboclos ribeirinhos entre tantos outros que firmaram raízes históricas e culturais na região.

A partir da oralidade, prática ainda muito utilizada na região, essas histórias são contadas e repassadas de geração para geração como uma espécie de leis e regras para se viver e conviver na floresta, sem depredá-la ou degradá-la, apenas tirando o

⁴ Informação oral. Texto apresentado durante a conferência Brasileira de Folkcomunicação, ocorrida na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, no ano de 2011.

necessário para sobrevivência e preservando o espaço de convívio da comunidade. A maior parte destas histórias causam medo e horror; outras, apenas norteiam essas vivências, como o que fazer e o que não fazer. Fato é que, a partir destas práticas, estas populações conseguem viver e conviver bem, homem e natureza em constante interação.

Com isso, o objetivo desta pesquisa é a de compreender a Folkcomunicação como um processo presente na vida dos povos da floresta e compreender como essas vivências são regidas por leis a partir dos mitos, ritos e lendas criados por estas populações.

Esta forma de comunicação entre estes sujeitos dá resultados positivos, afinal, eles conseguem e promovem um modo de vida sustentável. Porém, as ações do “homem de negócios” ou “homem do desenvolvimento” andam na contramão daquilo que os povos da floresta pregam, deixando rastros de destruição e depredação. Mas este não será o foco deste trabalho.

Sendo assim, já é possível notar que a Folkcomunicação se faz presente neste modo de comunicação destas populações. E esses mitos, ritos, contos e lendas são lembrados e exaltados nas apresentações dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido, dentro do Festival Folclórico de Parintins. Atividades culturais como estas permitem que essas práticas sejam conhecidas e reconhecidas por quem não é da região, dando visibilidade e gerando reflexões acerca do modo de vida dos povos da floresta a partir de leis e regras difundidas em histórias, preservando a cultura e identidade regional.

Metodologia

O embasamento teórico tem como cerne a Folkcomunicação, sendo essencial para a compreensão das atualizações ocorridas a partir da perspectiva comunicacional presente nos estudos e nas pesquisas desenvolvidos por José Marque de Melo, Roberto Benjamin, Osvaldo Trigueiro, Maria Cristina Gobbi, Cristina Schmidt, entre outros, que contribuíram e contribuem para tal.

Em continuidade ao trabalho, tratar da cultura popular e do folclore brasileiro, são essenciais para compreender o cenário da produção comunicativa popular, visto o poderio discursivo que esta detém a partir das ações destes sujeitos da floresta que, ao

criar e contar histórias, esses agentes desenvolvem uma comunicação própria, que faz parte da vida e da cultura desta população. Aqui, elencam-se estudiosos como: Luiz da Câmara Cascudo, Roque de Barros Laraia, Carlos Rodrigues Brandão, Nestor García Canclini, Alceu Maynard Araújo, Florestan Fernandes entre outros autores. A partir das leituras destas obras e das pesquisas publicadas por esses autores, este trabalho torna-se relevante como forma de expandir e popularizar o conceito de Folkcomunicação, além de dar evidência à grande importância social e cultural dos povos indígenas, quilombolas, caboclos ribeirinhos e demais populações presentes, especialmente, na região Norte do país.

Referencial Teórico

A teoria Folkcomunicação de Luiz Beltrão

Genuinamente brasileira, a teoria Folkcomunicação foi criada e desenvolvida a partir dos estudos e pesquisas que deram sentido à tese de Luiz Beltrão, “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressões de ideias”, apresentada na década de 1960. Entretanto, o trabalho só foi publicado na década de 1980 devido aos ocorridos na ditadura militar, que proibira a circulação de trabalhos acadêmicos.

Segundo Luiz Beltrão, ao analisar as manifestações populares, percebeu os processos comunicacionais presente nelas, que tinha algo próprio, ou seja, uma comunicação artesanal do homem e da comunidade, o que, de certa forma, foge da estrutura e do modelo de comunicação formal da televisão, do rádio, do cinema, da *internet*. Estes grupos manifestavam suas pautas, suas visões semelhantes, diferentes ou questionadoras aos das visões de elite por meio destas manifestações populares. Schmidt (2008) salienta que

Dentro do campo da Comunicação, a Folkcomunicação faz uma adoção de objetos de estudo pertencentes a grupos que estão nas bordas dos grandes processos comunicacionais; de acordo com Beltrão, os grupos marginalizados dos grandes espaços de comunicação, os meios de comunicação de massa (p. 3).

Para Luiz Beltrão (1980), estas comunidades utilizam “procedimentos, modalidades, meios e agentes elaboradores e emissores de mensagens, ao nível de sua vivência, experiência e necessidades”, ou seja, havia o uso de uma comunicação própria e compartilhada entre estes sujeitos, que só faz parte daquele grupo. E para o próprio Beltrão, é nessa mensagem que corre entre estes que está presente a comunicação popular, a Folkcomunicação. Em 2002, o professor Antonio Hohlfeldt resolveu aperfeiçoar a teoria de Beltrão, definindo a Folkcomunicação como

[...] o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (HOHLFELDT, 2002 *apud* SCHMIDT, 2006, p. 8).

Este aperfeiçoamento da teoria de Luiz Beltrão abriu um leque de possibilidades para tratar de nuances e peculiaridades dentro das manifestações populares, que acabam desencadeando uma série de mensagens que merecem e devem ser decodificadas ao ponto de haver um entendimento das escolhas feitas pelos grupos manifestantes. Afinal, assim como a cultura, a comunicação não é estática, mas sim dinâmica, mutável, e também transformadora, revolucionária.

A comunicação popular das comunidades amazônicas

Algumas populações amazônicas não possuem acesso aos meios e veículos de comunicação convencionais; algumas são por escolhas próprias, outras se dão por estarem realmente afastadas dos centros urbanos. Fato é que mesmo estando longe destas mídias de massa, estes sujeitos desenvolvem maneiras peculiares de comunicação entre si através da oralidade e muitas dessas histórias nascem a partir do local em que vivem e do próprio imaginário amazônica.

Deste imaginário, nascem os contos e as lendas, os mitos e os ritos da floresta, mas não servem apenas como meras histórias, afinal, o objetivo em si não é criar medo e pavor, e sim uma espécie de advertências, de leis e regras de convivência pacífica e harmoniosa na e com a natureza. Podemos ter como exemplo o trabalho desenvolvido

por Chico Mendes, seringalista conhecido e reconhecido por ser um defensor da floresta no mundo todo.

Na região amazônica, o que é notório são como essas histórias perpassam de geração em geração, sendo uma prática valorizada e reconhecida por estudiosos e pesquisadores, que afirmam o quanto a tradição da oralidade está presente e se mantém viva até hoje no meio destas populações que fazem questão desta manutenção.

É bem verdade que as manifestações populares [*neste caso, da oralidade*] surgem das necessidades primeiras de trocas simbólicas e materiais para a sobrevivência em comunidade, ligadas a questões que vão da moradia à alimentação, da saúde e da fé. A partir das condições ofertadas pela natureza e adequadas pelas necessidades dos envolvidos – a cultura é o resultado, onde cada grupo social se manifesta de modo a criar referências, estabelecer diálogos e conquistar espaços sociais que proporcionem uma vida melhor (SCHMIDT, 2008, p. 5).

E, de fato, para um bem-viver no meio amazônico, e a partir da oralidade, há estes mitos e lendas, ritos e contos que servem como um estatuto de vida no meio e em harmonia com a densa floresta. Alguns exemplos são: a Mãe-Natureza, o Bicho-Folharal, o Curupira, a Matinta Perera, a Mãe D'água, o Boto, a Iara, a Vitória Régia, a Cobra-Grande ou Boiúna, o Mapinguari, o Juma, entre outras. Em maioria, estes contos, lendas e mitos nos apresentam entes de preservação, seja da fauna e da flora, dos rios e lagos; também há os ritos a serem seguidos, como, por exemplo, pedir permissão aos entes da floresta para adentrar naquele espaço e extrair o necessário para se viver.

O interessante em apontar aqui é de como este arcabouço de cultura é demonstrado no Festival Folclórico de Parintins, nas disputas entre o Boi Caprichoso e o Boi Garantido, associações que fazem questão de dar protagonismo a estes sujeitos da floresta, das suas práticas de oralidade e da perspectiva destes imaginários amazônicos.

Aplicado ao objetivo principal desta pesquisa, a Folkcomunicação consegue compreender a forma de diálogo utilizada pelas populações indígenas, quilombolas e caboclas, entre outras. Entende-se também que este sujeito comunicador é um agente ou líder folk e os que ouvem, nas concepções de Beltrão, formam a audiência folk. Beltrão (1980) descreve que

[...] os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são autoridades reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores, e, em geral, alcançando a

posição de conselheiros ou orientadores da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenham (p. 43).

Estas comunidades amazônicas, apesar de sofrerem com uma certa diminuição no que tange este continuar da tradição oral, ainda se vê e se nota entranhada na região por pessoas mais velhas. O próprio Festival Folclórico de Parintins, uma festa cultural que atrai milhares de visitantes e turistas a cada edição da festa para a ilha, faz questão dessa valorização destas figuras importantíssimas para a região e do modo de vida destes sujeitos.

CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa trouxe a teoria da Folkcomunicação, de Luiz Beltrão, como forma de garantir a prática da oralidade dos povos amazônidas, aqui denominados de povos da floresta – brancos, quilombolas, indígenas, caboclos ribeirinhos etc. Por meio das narrativas aqui elencadas – mitos, ritos, contos e lendas –, estas populações mantêm viva as leis para um viver-bem no meio amazônico e suas possíveis advertências para “os desobedientes”.

Compreendendo que isto faz parte do meio em que este sujeito vive, do homem em vivência e convivência, e para a ordem da vida entre este e o meio amazônico, é correto afirmar a cultura destes amazônidas como uma construção da mentalidade no qual é garantido o seu viver de forma harmoniosa na floresta.

É notório que esta prática demonstra um movimento comunicacional artesanal do homem amazônico e que, apesar da diminuição em relação a quantidade destes sujeitos contadores de histórias, ainda é valorizada e reconhecida como uma prática cultural da região, uma tipicidade nortista que tem chegado longe a partir dos crescentes estudos e pesquisas do campo da Comunicação, mais especificamente da Folkcomunicação.

Referências

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. México: Grijalbo, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1954.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradição, ciência do povo**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CORNIANI, Fabio. **Afinal, o que é Folkcomunicação?** São Bernardo do Campo (SP): Sítio da universidade Metodista de São Paulo. Evento da mídia Cidadão. Disponível em: <www.metodista.br/midiacidada>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 1989.

GOBBI, Maria Cristina. FOLKCOMUNICAÇÃO: um Brasil de múltiplas culturas. In: Dourado, Jacqueline Lima. (Org). **A história dos devotos de Nossa Senhora da Cabeça**: um estudo folkcomunicação. Pará de Minas, MG: Editora Virtualbooks, 2007.

GOBBI, Maria Cristina. Pioneirismo de Beltrão nos estudos Comunicacionais no Brasil. In Silva, Carlos Eduardo Lins da; Melo, José Marques de Melo; Gobbi, Maria Cristina, Moraes, Osvaldo J. de (org.). **Ciências da Comunicação no Brasil 50 anos**: Histórias para contar. Volume III – Século XXI: Empirismo Crítico. São Paulo: Fapesp / Intercom / Unesp / ECA-USP, 2015.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. - 24., [reimpr.] - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MELO, José Marques de. **Luiz Beltrão**: pioneiro dos estudos de Folk-comunicação no Brasil. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

MELO, José Marques de; & Fernandes, Guilherme Moreira. **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. 1 ed. São Paulo: Editae Cultural, 2013.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte - REMOTO - 22 a 24/05/2024

SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação:** estado do conhecimento sobre a disciplina. IN: Bibliocom / Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, ano 1 / Zero / edição bimestral / novembro e dezembro de 2008.

SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na Arena Global:** Avanços Teóricos e Metodológicos, São Paulo: Ductor, 2006.